

Educação no Brasil: Experiências, Desafios e Perspectivas 3

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Educação no Brasil: Experiências, Desafios e Perspectivas 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|--|
| E24 | Educação no Brasil [recurso eletrônico] : experiências, desafios e perspectivas 3 / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Educação no Brasil. Experiências, Desafios e Perspectivas; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-666-9 DOI 10.22533/at.ed.669192709 1. Educação – Brasil – Pesquisa. 2. Prática de ensino. I. Guilherme, Willian Douglas. CDD 370.981 |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

O livro “Educação no Brasil: Experiências, desafios e perspectivas” reúne 79 artigos de pesquisadores de diversos estados e instituições brasileiras. O objetivo em organizar este livro é o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios educacionais, sobretudo, das práticas educativas e da formação de continuada de professores.

A obra contém um conjunto de resultados de pesquisas e debates teórico-práticas que propõe contribuir com a educação em todos os níveis de ensino, sobretudo, assuntos relativos à interdisciplinaridade, matemática, arte, gênero, formação continuada e prática escolar.

Os 79 artigos que compõem esta obra foram agrupados em 3 Volumes distintos. Neste 3º e último Volume, são 20 artigos que debatem a Formação Continuada de Professores, fechando com 6 artigos em torno da temática Educação e Arte. No 1º Volume, são 14 artigos em torno da temática Gênero e Educação e 15 artigos sobre Interdisciplinaridade e no 2º Volume, são 25 artigos que debatem sobre a prática escolar em diversos níveis e espaços do processo educacional.

A obra é um convite a leitura e entregamos ao leitor, em primeira mão, este conjunto de conhecimento.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

PARTE 1 - FORMAÇÃO CONTINUADA

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| DESAFIOS DA GESTÃO ADMINISTRATIVA/FINANCEIRA NA EDUCAÇÃO DE TEMPO INTEGRAL | |
| Edilma de Jesus Louzeiro Cruz | |
| Erisvan Sales Oliveira | |
| Raimunda Nonata da Silva Machado | |
| DOI 10.22533/at.ed.6691927091 | |
| CAPÍTULO 2 | 11 |
| A EXPRESSIVIDADE DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO - DESAFIOS DA PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA E PERSPECTIVAS DA FORMAÇÃO DOCENTE | |
| Regina Zanella Penteadó | |
| DOI 10.22533/at.ed.6691927092 | |
| CAPÍTULO 3 | 24 |
| A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE NOVOS PROFESSORES DURANTE A EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO | |
| Ana Luiza Sobrinha Silva Souza | |
| Emília Karla de Araújo Amaral | |
| DOI 10.22533/at.ed.6691927093 | |
| CAPÍTULO 4 | 36 |
| A UNIVERSIDADE PÚBLICA BRASILEIRA E À MODA DA POLÍTICA IDENTITÁRIA | |
| Emanuel Oliveira da Costa | |
| Emelinne Bezerra Tavares | |
| DOI 10.22533/at.ed.6691927094 | |
| CAPÍTULO 5 | 43 |
| APROXIMAÇÕES ENTRE AS CIÊNCIAS NATURAIS E AS CIÊNCIAS HUMANAS BASEADAS NA BNCC: O LUGAR DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO NA ESCOLA | |
| Roberta Dall Agnese da Costa | |
| Ana Cláudia Reis de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.6691927095 | |
| CAPÍTULO 6 | 54 |
| AS CONCEPÇÕES FORMATIVAS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO ESTADO DO CEARÁ | |
| Consolação Linhares de Carvalho Coelho | |
| Antonia de Abreu Sousa | |
| Amarílio Gonçalves Coelho Júnior | |
| DOI 10.22533/at.ed.6691927096 | |

CAPÍTULO 7 64

ASPECTOS TEÓRICO-PRÁTICOS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM PROMOÇÃO DA SAÚDE:
EXPERIÊNCIAS EXITOSAS DA ENFERMAGEM

Antonia de Fátima Zanchetta Serradilha
Elza de Fátima Ribeiro Higa
Dircelene Jussara Sperandio
Marli Terezinha Casamassimo Duarte
Vera Lucia Pamplona Tonete

DOI 10.22533/at.ed.6691927097

CAPÍTULO 8 77

CONTRIBUIÇÕES DA REVISTA EDUCITEC PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
NO AMAZONAS

Wagner Gomes de Oliveira
Carolina Menandes de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.6691927098

CAPÍTULO 9 88

“CRISE DA DOCÊNCIA” E SEUS REFLEXOS NA RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM

Izaque Pereira de Souza
Teresa Kazuko Teruya
Wellington Junior Jorge

DOI 10.22533/at.ed.6691927099

CAPÍTULO 10 98

DA TEORIA À PRÁTICA: UM OLHAR SOBRE AS VIVÊNCIAS EM UM ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Anderson Moisés Barbosa Souza Chagas

DOI 10.22533/at.ed.66919270910

CAPÍTULO 11 105

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA DOCÊNCIA: A NECESSIDADE DA FORMAÇÃO
CONTINUADOS DOS PROFESSORES

Ludimar Pegoraro
Arã Paraguassu Ribeiro
Rodrigo Regert
Kleber Prado Filho
Patrícia de Deus e Silva
Rosana Rachinski D`Agostini
Marissol Aparecida Zamboni
Fátima Noely da Silva
Eliane Baldo Fantinel
Marcelo Ricardo Colaço

DOI 10.22533/at.ed.66919270911

CAPÍTULO 12 117

É POSSÍVEL DESENVOLVER COMPETÊNCIAS E HABILIDADES POR MEIO DE PRÁTICAS LÚDICAS? RELATO DE EXPERIÊNCIA E PERCEPÇÃO DISCENTE DO CURSO DE FARMÁCIA DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL

Lucila Ludmila Paula Gutierrez
Alexsandro Ferreira Guimarães
Camila Silva Martins
Ana Gabriela Pericolo Nunes
Ana Paula Oliveira Barbosa
Paula Pillar Pinto
Marilene Porawski

DOI 10.22533/at.ed.66919270912

CAPÍTULO 13 125

FORMAÇÃO ACADÊMICA: RECONSTRUÇÃO, RESSIGNIFICAÇÃO OU RESGATE?

Juliana Alvares Duarte Bonini Campos

DOI 10.22533/at.ed.66919270913

CAPÍTULO 14 133

HORA-ATIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E O TEMPO/ESPAÇO DA FORMAÇÃO CONTINUADA

Jessica Rautenberg
Rita Buzzi Rausch

DOI 10.22533/at.ed.66919270914

CAPÍTULO 15 141

O ALIMENTO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: DIÁLOGOS ENTRE A FORMAÇÃO DOCENTE, DISCENTE E COMUNIDADE

Terezinha Camargo Pompeo Vinha.
Marcia Reami Pechula

DOI 10.22533/at.ed.66919270915

CAPÍTULO 16 148

O DEBATE ACERCA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO CONTINUADA

Cintya Roberta Oliveira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.66919270916

CAPÍTULO 17 157

O PARFOR E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA ANÁLISE NO ÂMBITO DAS AÇÕES AFIRMATIVAS BRASILEIRAS

Raul da Silveira Santos
Francisco Pereira de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.66919270917

CAPÍTULO 18 168

O PROJETO INTEGRADOR COMO INSTRUMENTO DE EFETIVAÇÃO DO CURRÍCULO INTEGRADO NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DO IFPA

Robson de Sousa Feitosa
Vanderlei Antonio Stefanuto
Soraya Farias Aquino
Alessandra Ribeiro Duarte

DOI 10.22533/at.ed.66919270918

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 19 | 181 |
| OS NOVOS DESAFIOS DO ENSINO SUPERIOR: CONTRIBUIÇÕES HUMANISTAS PARA A FORMAÇÃO DO JURISTA | |
| Pedro Henrique Hermes | |
| DOI 10.22533/at.ed.66919270919 | |
| CAPÍTULO 20 | 188 |
| WORKSHOP DE ENSINO COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO DOCENTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA | |
| Fernanda Klein Marcondes | |
| Lais Tono Cardozo | |
| Kelly Cristina Gavião Luchi | |
| DOI 10.22533/at.ed.66919270920 | |
| | |
| PARTE 2 - EDUCAÇÃO E ARTE | |
| CAPÍTULO 21 | 195 |
| (DESCONSTRUINDO) ESTEREÓTIPOS: NARRATIVAS EM TORNO DO ENSINO DA ARTE | |
| Mikael Miziescki | |
| Marcelo Feldhaus | |
| DOI 10.22533/at.ed.66919270921 | |
| CAPÍTULO 22 | 207 |
| 10 EDIÇÕES DO <i>ENCONTRO DE EDUCAÇÃO MUSICAL DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP</i> : O ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE AS PUBLICAÇÕES GERADAS PELAS COMUNICAÇÕES ORAIS | |
| Paulo Roberto Prado Constantino | |
| DOI 10.22533/at.ed.66919270922 | |
| CAPÍTULO 23 | 215 |
| EDUCAÇÃO MUSICAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO: O MATERIAL DIDÁTICO DE ACORDO COM OS PROFESSORES DE ARTE | |
| Aline Raquel Costa de Oliveira | |
| Cassiano de Almeida Barros | |
| Andreia Miranda Moraes do Nascimento | |
| DOI 10.22533/at.ed.66919270923 | |
| CAPÍTULO 24 | 223 |
| ENSINO DE ARTES: FRONTEIRAS ENTRE CURRÍCULO E PESQUISA DOCENTE | |
| Christiane de Faria Pereira Arcuri | |
| Deise Marins Alcântara | |
| DOI 10.22533/at.ed.66919270924 | |
| CAPÍTULO 25 | 234 |
| MÚSICA E EDUCAÇÃO: UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA | |
| José Carlos Teixeira Júnior | |
| DOI 10.22533/at.ed.66919270925 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 26 | 243 |
| O MATERIAL DIDÁTICO PARA BANDAS DE MÚSICA: REFLEXÕES E POSSIBILIDADES DE USO | |
| Fernando Vieira da Cruz | |
| DOI 10.22533/at.ed.66919270926 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 253 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 254 |

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE NOVOS PROFESSORES DURANTE A EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

Ana Luiza Sobrinha Silva Souza

Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas – Barreiras - BA

Emília Karla de Araújo Amaral

Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas – Barreiras - BA

RESUMO: O objetivo deste estudo foi investigar como a formação inicial e continuada do profissional que atua na educação infantil, suas concepções e práticas, podem influenciar no processo formativo do futuro professor em experiência de estágio. Com base nos estudos de Pimenta; Lima (2005/2006), França (2009/2013); Rocha; Anadon (2012); Brasil (2009); Marran (2011), dentre outros, adotamos um referencial que discute a formação do profissional da educação infantil, o estágio supervisionado e a figura do professor regente como possibilitador de aprendizagens significativas no decorrer do acompanhamento do estágio. Optamos por uma abordagem de cunho quanti/qualitativo, com utilização de um questionário como instrumento de coleta de dados. Os participantes foram 08 professores da educação infantil de Barreiras-BA, que receberam estagiários em suas salas de aula durante o 1º e 2º semestre letivo de 2016 e 10 acadêmicos do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IX, que passaram pela experiência

do estágio na educação infantil. Os resultados da pesquisa apontaram que a influência das práticas/atuação do professor regente na formação do futuro professor foi considerada pela maior parte dos participantes da pesquisa como parcial. Porém, esse acompanhamento, mesmo que influencie parcialmente, necessita de definições mais claras, quanto às ações esperadas do regente nesse processo formativo, por isso deve existir um maior diálogo entre as unidades formadoras para a construção de tais atribuições.

PALAVRAS-CHAVE: Formação. Estágio. Professor regente.

ABSTRACT: The objective of this study was to investigate how the initial and continuous graduation of the professional that acts in the childhood education, its conceptions and practices, can influence the formative process of the future teacher in the traineeship experience. Based on Pimenta's studies; Lima (2005/2006), França (2009/2013); Rocha; Anadon (2012); Brazil (2009); Marran (2011), among others, we adopted a referencial that discusses the graduation of the childhood education professional, the supervised traineeship and the figure of the regent teacher as a facilitator of meaningful learning during the follow-up of the traineeship. We opted for a quantitative/qualitative approach, using a questionnaire as

an instrument of data collection. The participants were 08 teachers from the childhood education of Barreiras-BA, who received trainees in their classrooms during the first and second semester of 2016 and 10 academics from the Pedagogy course of the State University of Bahia - UNEB, Campus IX, whose experienced the traineeship in the childhood education. The results of the research pointed out that the influence of the practices/regent teacher's performance in the graduation of the future teacher was considered by most of the participants as partial. However, this monitoring, even if it influences partially, needs clearer definitions, regarding to the expected actions of the regent on this formative process, so there must exist a greater dialogue between the training units for the construction of such duties.

KEYWORDS: Graduation. Traineeship. Regent teacher.

INTRODUÇÃO

A formação dos profissionais que atuam na educação infantil é uma questão relevante que necessita ser debatida constantemente, já que a atuação desses profissionais requer conhecimentos específicos quanto ao processo de desenvolvimento de crianças de 0 a 5 anos. A legislação referente a esse processo formativo é clara quando prevê que as características da formação devem ser ajustadas aos diferentes níveis e modalidades de ensino, assim como a cada faixa etária.

Diante do fato de o professor da educação infantil ser também um coformador de futuros professores durante o período de estágio curricular acadêmico, é que se faz necessário conhecer a formação deste profissional e buscar compreender como o professor regente, com suas concepções e práticas decorrentes da sua formação inicial e continuada, pode influenciar o processo formativo do estagiário.

Essa indagação surgiu a partir do estágio em educação infantil, no qual foram vivenciadas algumas angústias decorrentes da falta de formação específica do professor regente. Essa pesquisa, portanto, buscou investigar a formação dos profissionais que atuam nesta etapa da educação básica na cidade de Barreiras-BA, e como essa formação é também importante para o percurso formativo de licenciandos em Pedagogia.

O PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL: ASPECTOS LEGAIS E PEDAGÓGICOS

A formação do professor é, reconhecidamente, um dos fatores mais importantes para a promoção de padrões de qualidade adequados à educação, em qualquer que seja o grau ou modalidade. “No caso da educação da criança menor, vários estudos têm apontado que a capacitação específica do profissional é uma das

variáveis que maior impacto causa sobre a qualidade do atendimento”. (MEC/SEF/DPE/COEDI,1994, p. 11).

Somente após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1996 (LDB 9394) é que as atividades do professor de educação infantil deixam de ser vistas como assistenciais e este passa a ser reconhecido como profissional. Dessa forma, o trabalho pedagógico com a criança de 0 a 6 anos¹ adquiriu reconhecimento e ganhou uma nova dimensão no sistema educacional, qual seja atender às especificidades do desenvolvimento das crianças dessa faixa etária e contribuir para a construção e o exercício de sua cidadania.

Essa nova dimensão da Educação Infantil passa a se articular com a valorização do papel do profissional que atua com a criança de 0 a 5 anos, com exigência de um patamar de habilitação derivado das responsabilidades sociais e educativas que se espera dele.

O artigo 29 da LDB 9394/96 diz que a educação infantil tem por finalidade “o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. Isso requer qualificação do profissional que estará à frente dessa modalidade, para que este possa compreender toda essa dimensão.

Campos (1999, *apud* GALVÃO; BRASIL, 2009) defende que, para delinear um perfil condizente com essa etapa, o professor precisa conhecer a fundo as fases de desenvolvimento das crianças, características culturais, sociais, étnicas e de gênero. Deve ainda buscar conhecer a realidade da qual elas partem e como aprendem. O perfil desse profissional deve ter como base o cuidar e o educar, como dimensões indissociáveis para o trabalho na Educação Infantil, considerando outras motivações para este trabalho educativo, afinal:

gostar de criança é importante, mas não é suficiente para realizar um trabalho de qualidade. A educadora deve ter objetivos a alcançar, como, por exemplo, o desenvolvimento integral da criança, e o alcance dessa meta deveria ser a mola propulsora para a sua motivação. É preciso ressaltar a importância de se garantir um profissional consciente do seu papel e as finalidades da educação infantil, que reflita sobre as formas de garantir a qualidade desse nível de educação e, se necessário, modificar sua prática pedagógica. (OLIVEIRA, 2008, p. 62)

Diante das novas tarefas atribuídas à escola e da dinâmica por elas geradas, impõe-se uma revisão da formação docente em vigor, na perspectiva de fortalecer ou instaurar processos de mudança no interior das instituições formadoras, respondendo às novas tarefas e aos desafios apontados, que incluem o desenvolvimento de disposição para atualização constante de modo a inteirar-se dos avanços do conhecimento nas diversas áreas, incorporando-os, bem como aprofundar a compreensão da complexidade do ato educativo em sua relação com a sociedade.

1. A Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, que institui o ensino fundamental de 09 anos, altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da LDB 9.394/1996, ao estabelecer matrícula obrigatória no ensino fundamental a partir dos 6 (seis) anos de idade. Sendo assim, a partir deste ano, a educação infantil passa a atender a crianças de 0 a 5 anos.

(PARECER CNE/CP 9/2001)

É pensando nessas novas demandas, que o processo formativo docente deve contemplar, desde o início, uma formação que articule os saberes necessários à docência condizentes com as necessidades atuais. Nesse sentido, o estágio supervisionado que é parte desse processo longo e contínuo, deve aproximar e preparar de certo modo, o futuro profissional da educação básica para esses novos desafios.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O estágio, segundo Pimenta e Lima (2005/2006), constitui-se em um campo de conhecimento que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas.

Nessa perspectiva, o estágio supervisionado é um dos momentos da formação de professores que possibilita uma maior aproximação do licenciando com as peculiaridades da escola, proporcionando a convivência com o “chão da escola”, com as rotinas que cercam o meio educacional. É o espaço/tempo de experiências significativas nas quais os futuros professores passam a construir sua prática pedagógica testando estratégias, revisitando contribuições teóricas, enfim, vivenciando as possibilidades da docência de maneira bastante singular. (ROCHA; ANADON, 2012)

No que diz respeito à legislação referente ao estágio supervisionado, a lei n. 11.788/2008 apresenta em seu artigo 1º que o estágio é:

Ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular [...], o estágio faz parte do projeto pedagógico do curso e visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho (BRASIL, 2008).

Complementando essa definição, o parecer n. 28/2001 afirma que o estágio curricular supervisionado tem a pretensão de oferecer ao futuro licenciado um conhecimento do real, em situação de trabalho direto nas unidades escolares. Assim, o licenciando poderá acompanhar e compreender algumas atividades como planejamento de aulas e elaboração de projetos pedagógicos. O estagiário poderá exercer o papel de professor, integrando-se com os alunos e professores, realizando uma rica troca de experiências e podendo desenvolver as competências exigidas na sua futura prática profissional, especialmente a regência. (BRASIL, 2002)

O estágio, nesse contexto de troca, prepara para um trabalho coletivo. Conforme Pimenta (2005/2006, p. 21), “o ensino não é um assunto individual do

professor, pois a tarefa escolar é resultado das ações coletivas dos professores e das práticas institucionais, situadas em contextos sociais, históricos e culturais”.

Nessa perspectiva, o estágio poderá colaborar para o saber-fazer, no próprio campo de trabalho, sendo que este saber não se reduz a técnicas ou metodologias de ensino, mas compreende o desenvolvimento e aprimoramento de habilidades respaldadas em uma postura crítico-reflexiva. (MARRAN, 2011).

O projeto do curso de Pedagogia do *Campus IX* - UNEB (2014) sintetiza o Estágio Curricular Supervisionado como uma das etapas mais importantes de um curso de graduação, pois nele é possível experimentar uma série de situações e atividades que são próprias da área profissional em que o graduado irá atuar, possibilitando que este tenha um contato real, direto e imediato com as demandas, problemáticas e alternativas presentes no mundo do trabalho.

Compreendendo a natureza legal e o aporte teórico sobre o estágio supervisionado, explanado no decorrer desse tópico, é importante ressaltar que o mesmo deve ser acompanhado na escola por um profissional experiente e com formação adequada. Sendo assim, é necessário delinear qual é o papel desse profissional no contexto em que tais práticas se realizam e reconhecer a importância da participação deste profissional na formação de novos professores, durante a experiência de estágio.

SUPERVISOR REGENTE COMO COFORMADOR DO FUTURO PROFESSOR

França (2009) evidencia a figura do professor regente como alguém que assume a responsabilidade de direcionar o futuro professor, inserindo-o em sua sala de aula na escola básica, de modo que essa experiência de estágio possa se configurar como “tempo de aprendizagem” em um contexto real de trabalho, entre alguém capacitado e um aluno estagiário.

Pimenta e Lima (2005\2006) consideram que o exercício de qualquer profissão é prático, pois se trata de aprender a fazer algo. A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, pode se dar pela imitação e reelaboração de modelos de prática que se considera bom.

Apesar de esses modelos não serem suficientes para uma formação ampla e de qualidade, certamente influenciarão no percurso desse futuro professor. Quando se compreende o Estágio Supervisionado como um espaço/tempo de aprendizagem que ocorre através das relações estabelecidas entre um profissional e um aprendiz, logo, se alerta para o fato de que esse contato deflagra um campo de força entre o *habitués de quem faz*, e, ao mesmo tempo de quem aprende, o que determina a complexidade das relações de aprendizagem. (ARAÚJO, 2010).

O acompanhamento e a orientação do estagiário pelo professor regente são, conforme aponta França (2009), indispensáveis no processo de aprender a ensinar,

vivenciado pelos futuros professores. Dessa forma, esse acompanhamento necessita ser pensado como um compartilhamento do processo formativo e o professor regente necessita abrir mão de uma rotina estabelecida para criar novas práticas que insiram os futuros professores, ou seja, essas práticas devem ser construídas de forma conjunta.

Segundo a autora, é através da significação e ressignificação do saber que o professor constrói sua práxis, bem como o futuro professor que absorve o significado dessa práxis do professor em exercício, adotando como referência para a sua profissionalização. Assim, é preciso considerar o professor regente também como formador de outros professores.

METODOLOGIA

Esta produção é resultado de um trabalho de conclusão do curso de Pedagogia. A metodologia utilizada foi quanti-qualitativa, do tipo estudo de campo. Creswell (2007) define esse método misto de abordagens como uma pesquisa exploratória, sequencial, que inicia com coleta e análise de dados quantitativos para, posteriormente, partir para a coleta e análise de dados qualitativos. Por fim, faz-se a interpretação global de todo o resultado.

O contexto investigado compreendeu duas instituições da rede pública municipal de educação infantil, ambas de médio porte, localizadas na cidade de Barreiras-Ba. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário, aplicado a 08 professores que receberam em suas salas de aula graduandos do curso de Pedagogia, em período de estágio no 1º e 2º semestre de 2016. Dos 08 participantes, 04 têm formação em Pedagogia e a demais formação em outras licenciaturas (Matemática e Biologia). Fizeram parte também da pesquisa 10 licenciandos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Bahia (*Campus IX*), que passaram pela experiência do estágio em educação infantil no 1º e no 2º semestre do ano letivo de 2016. Todos os participantes foram identificados por letras no decorrer do trabalho, prezando-se assim o sigilo das informações pessoais.

RESULTADOS

Adentrando no contexto teórico e prático sobre o estágio, buscamos entender qual a compreensão de graduandos e professores regentes a respeito desta atividade formativa:

| Alternativa mais relevante | Alternativa menos relevante |
|--|---|
| Uma oportunidade de conhecimento da realidade em que irá atuar | Cumprimento de uma exigência curricular e de carga horária do curso de pedagogia. |

Quadro 1 - Como os graduandos compreendem o estágio supervisionado (alternativa mais e menos relevante)

Fonte: Dados coletados via questionário aos graduandos estagiários

| Quantidade de Respostas | Alternativas Consideradas Como Mais Relevantes |
|-------------------------|--|
| 3 | Espaço de construção da identidade profissional |
| 1 | Momento propício para o estagiário relacionar teoria e prática |
| 2 | Oportunidade de conhecimento da realidade em que irá atuar |

Quadro 2 – Como os profissionais da educação infantil compreendem o estágio supervisionado (alternativas mais relevantes)

Fonte: Dados coletados via questionário aos professores regentes

Pimenta (1997) nos ajuda a entender essa concepção de estágio quando ressalta o mesmo como imprescindível para o processo formativo dos futuros professores. O estágio é o espaço onde os futuros educadores terão uma proximidade com o ambiente que envolve o cotidiano de um professor e, a partir desta experiência, os acadêmicos começarão a se ver como futuros professores.

Nas questões assinaladas pelos professores regentes fica evidente que o estágio supervisionado é compreendido como um processo de formação necessário ao graduando das licenciaturas já que:

[...] constitui um componente integrante do currículo dos cursos de licenciatura, sendo concebido como tempo e espaço de aprendizagem e não apenas como uma atividade extracurricular realizada para o cumprimento de uma carga horária isolada e descontextualizada do curso. Ao mesmo tempo em que integra prática e teoria, o estágio colabora para que o futuro professor compreenda e reflita sobre as complexas relações que ocorrem no ambiente escolar, seu futuro *locus* profissional. (RAYMUNDO, 2013, p. 361)

Foi de suma importância entender também, nesta pesquisa, a postura do professor regente durante o estágio supervisionado, na ótica do estagiário.

| Nº de respostas por alternativas | ALTERNATIVAS |
|----------------------------------|---|
| 7 | O professor regente concedeu autonomia total para desenvolvimento das atividades propostas |
| 4 | O professor regente auxiliou nas dificuldades durante as atividades em sala |
| 3 | O professor regente auxiliou no planejamento e execução das atividades durante o período de estágio |
| 1 | O professor regente concedeu autonomia apenas para o Desenvolvimento de atividades voltadas para alguns eixos como: movimento, música, artes... |

Quadro 3 - Postura do regente durante o estágio em que o graduando realizou o estágio

Apenas 03 graduandos em experiência de estágio sinalizaram que os professores auxiliaram, de fato, no planejamento e execução das atividades, que são os aspectos fundamentais nesse processo formativo. França (2013) relata que não basta o estagiário estar em sala observando o trabalho do regente, é preciso que esse professor também esteja disposto a introduzir esse aluno na atividade docente. Então, dar autonomia, auxiliar nas dificuldades, planejar e executar com o estagiário é direcionar, e introduzir esse aluno na atividade docente significa: [...] aceitar e querer ensinar algo que já domina e que faz e refaz continuamente. Significa, também, abrir portas, mostrar caminhos, dialogar, superar os erros, compartilhar os acertos. (FRANÇA, 2013, p. 80)

Em relação a dar autonomia total para o estagiário é preciso que o professor regente tenha claro o que isso significa no contexto da formação inicial do licenciando, pois dar autonomia não significa deixar o estagiário desenvolver a atividade docente sem auxílio e acompanhamento. Rios (2008, p.12) enfatiza que “a autonomia é sempre relativa, se dá na relação com os outros e, portanto, é inadequado confundi-la com independência ou ausência de responsabilidade”. Muitas vezes, essa atitude travestida de um discurso de liberdade, mascara a não corresponsabilização por parte de muitos regentes frente ao processo formativo dos futuros professores.

| Nº de Participantes por alternativas | Alternativas |
|--------------------------------------|---|
| 2 | Concedem autonomia apenas para o desenvolvimento de atividades voltadas para alguns eixos como: movimento, música, artes... |
| 5 | Concedem autonomia total para desenvolvimento das atividades propostas |
| 2 | Concedem autonomia somente para atividades voltadas para o cuidado, ficando com a parte pedagógica durante o estágio |
| 4 | Concedem auxílio no planejamento e execução das atividades durante o período de estágio |

Quadro 4 - Postura da professora regente frente aos estagiários

Fonte: Dados coletados via questionário aos graduandos estagiários

Vale destacar que 04 professoras assinalaram conceder autonomia apenas para o desenvolvimento de atividades voltadas para alguns eixos como: movimento, música, artes ou somente para atividades voltadas para o cuidado, ficando com a parte pedagógica durante o estágio. Logo, percebe-se uma contradição quando afirmam que o estágio é um espaço de construção de identidade profissional e conhecimento da realidade em que irá atuar. Essa limitação dificulta a aprendizagem do processo como um todo, sendo assim, compromete a finalidade do estágio.

Rios (2008, p. 7) traz que “a escola é o espaço de uma educação intencional,

sistemizada, para a qual se exige preparo, direção, criatividade, rigor”, então se o estagiário está ali para ter uma aproximação com a realidade em um contexto real de trabalho, esse preparo deve culminar tanto no cuidar quanto ensinar.

Sobre a influência da prática/atuação do professor regente sobre a formação do futuro professor obtivemos o seguinte resultado:

| GRADUANDOS | RESPOSTAS |
|------------|-------------------------|
| 04 | A Influência é plena. |
| 05 | A Influência é parcial. |
| 01 | Não há influencia |

Quadro 5 - Concepção de como o professor regente, pode ou não influenciar na formação dos futuros professores durante o estágio

Fonte: Dados coletados via questionário aos graduandos estagiários

Percebi que o professor regente ele pode influenciar bastante. Se este é um bom profissional fica claro que o estagiário procurará realizar um bom trabalho e tendo o auxílio deste profissional ambos terão ótimos resultados. (GRADUANDO C)

Através da justificativa acima, fica evidente que para a participante, quando o professor regente é um bom profissional, o estagiário tem um bom resultado. Logo, o professor influência plenamente e de forma positiva na formação do estagiário.

No meu caso não tendo muita experiência no magistério influenciou muito (...) Claro que cada um tem seu jeito de ministrar aulas e eu tenho o meu que não foi influenciado diretamente por ela, e eu tive oportunidade e liberdade para usar na medida do possível. (GRADUANDA B)

Na fala acima, fica claro que a influência é maior quando não se tem experiência, porém, compreende a respondente que o exercício não deve ser uma cópia quando afirma que cada um tem seu jeito de ministrar aula. Pimenta (2010, p.103) afirma que o “estágio como reflexão da *práxis* possibilita aos alunos que ainda não exercem o magistério aprender com aqueles que já possuem experiência na área docente. ”

A participante que assinalou que não influenciava, traz a própria experiência como base: “*No meu caso, não. Por ter experiência e já ter contato com crianças, principalmente na educação infantil*”. (GRADUANDA E)

Pimenta e Lima (2010) ressaltam que, mesmo para quem já atua no magistério, o estágio supervisionado serve como um espaço de reflexão, ressignificação de saberes docente bem como produção de conhecimentos.

Em relação às professoras regentes, nenhuma marcou que a influência era plena, 7 (sete) destas assinalaram que a influência era parcial. “*Acredito que sim, pois quando o estagiário não tem o apoio do professor regente, seu estágio pode deixar marcas negativas para sua futura docência*”. (PROFESSORA F)

Uma respondente assinalou que essa prática e atuação não influenciavam: “*Acredito que não influencia, tendo em vista que a formação docente está relacionada ao processo contínuo de reflexão sobre a sua prática não apenas sobre a crítica*

ou análise da prática de outros” (PROFESSORA B)

Pimenta e Lima (2005/2006) esclarecem que o aprendizado de qualquer profissão é prático, que esse conhecimento se dá a partir de observação, reprodução de ações que se considera como boas, escolhendo, adequando, acrescentando e retirando, a depender do contexto no qual se encontra e, é nesse caso que as experiências e conhecimentos adquiridos facilitam as decisões.

Sobre essa prática/atuação do regente, França (2013, p. 80) demonstra que “é o professor que constrói a suas *práxis* e o futuro professor que aprende o significado dessa *práxis* do professor em exercício, para tomá-la como referência para a construção de sua prática, ainda que provisória.

França (2009) chama a atenção para o fato de que muitos professores não sabem o que fazer quando recebem os estagiários, logo desconhecem a sua importância nesse processo. Outra questão é a disponibilidade, o sentir-se parte desse movimento, de querer inserir o aluno estagiário na docência, considerando a falta de tempo desvalorização profissional entre outros fatores desmotivadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a formação de professores é um dos fatores determinantes para a qualidade do ensino, independente da etapa, é imprescindível que seja assegurado o domínio adequado das competências que são inerentes à docência, tanto para o profissional em processo de formação continuada, quanto para aqueles em formação inicial.

Sobre o acompanhamento do professor regente no período de estágio, é possível afirmar que a postura deste deve permitir ao graduando desenvolver-se enquanto profissional, através da imersão em todas as atividades concernentes à docência, pois, como foi relatado, alguns professores regentes só permitem que o estagiário realize tarefas consideradas por ele como menos relevantes. Cabe a este direcionar o planejamento, auxiliar nas dificuldades e execução das atividades planejadas e como foi demonstrado na pesquisa, são poucos os que, de fato, desenvolvem tal tarefa, uma vez que, existem situações nas quais se dá autonomia total apenas para não se responsabilizar pelas atividades desenvolvidas pelo estagiário, o que não colabora para a aprendizagem, significação e ressignificação da prática.

Nessa direção é pertinente que exista um maior diálogo entre a universidade e a escola que recebe o estagiário, para que sejam estabelecidas definições do que se espera da escola e do professor regente que acompanha o estágio.

Embora a influência das práticas e atuação do regente perante a formação do futuro professor tenha sido considerada como parcial pela maioria dos participantes (professores regentes/ graduandos em experiência de estágio), as contribuições podem ser inúmeras quando se está ciente dessa atuação, uma vez que só esse profissional pode mediar esse processo de aprendizagem no contexto da escolar.

Pensando nessa proposta de acompanhamento do estagiário, França (2009) propõe a institucionalização da figura do regente, que passaria a receber um auxílio financeiro para acompanhar o estagiário, numa espécie de convênio que qualificasse esse professor regente.

Talvez essa proposta possa ser uma alternativa para um maior comprometimento nesse processo formativo, levando em consideração a gama de atividades que os docentes desempenham diariamente. Mas essa proposta, sozinha, não surtirá efeito se cada envolvido não estiver ciente de suas funções neste processo.

REFERÊNCIAS

ANADON, Simone Barreto; ROCHA, Jeruza da Rosa da. O estágio curricular no processo formativo de futuras educadoras. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 2012, Caixias do Sul. **Anais eletrônicos...** Caixias do Sul, 2012. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Formacao_de_Professores/Trabalho/05_35_33_1405-6924-1-PB.pdf>. Acesso em: 22 set. 2016.

ARAÚJO, Geiza Torres Gonçalves de. Estágio supervisionado: espaço e tempo de formação do pedagogo para a atuação profissional. 2010. 120 f. **Dissertação (mestrado em Educação)** - Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppge/files/2010/07/Dissertacao_GeizaAraujo_2010.pdf>. Acesso em: 08 out. 2016.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei nº 9.394/96, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 20 de set. 2016.

_____. **Lei n. 11.788**, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes [...] e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 set. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm>. Acesso em: 22 out. 2010. Acesso em 20 mar. 2017.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 21/2001**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/028.pdf>> Acesso 20 mar. 2017.

_____. **Parecer CNE/CP n. 28/2001**, de 2 de outubro de 2001. Dá nova redação ao parecer n. CNE/CP 21/2001. Brasília, DF, 18 jan. 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/028.pdf>>. Acesso 20 mar. 2017.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. SEF/DPE/COEDI. (1994) **Por uma política de formação do profissional de educação infantil**. Brasília. disponível em: <http://www.sema.edu.br/editor/fama/livros/educacao/forma%c3%87%c3%83o%20inicial%20e%20continuada%20de%20educadores%20por%20uma%20pol%20pdf>>. Acesso em: 22 set. 2016.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FRANÇA, Dimair, Souza. **A supervisão dos estágios de ensino pelos professores da educação básica**: limitações e desafios. Olhares, Guarulhos, v. 1, n1, p. 64-89, maio. 2013. Disponível em: <<http://www.olhares.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/47/9>>> Acesso em: 13 de mar. 2017.

_____. Formação do pedagogo: a orientação dos estágios de ensino pelo professor da escola básica. IX Congresso Nacional de Educação – EDICERE. **III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**, 26 a 29 de outubro de 2009. Disponível em:

<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3064_1382.pdf >Acesso em: 13 de abril 2017.

GALVÃO, Afonso Celso. BRASIL, Tanus Ive. Desafios do ensino na Educação Infantil: perspectiva de professores. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 61, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v61n1/v61n1a08.pdf> >Acesso em: 25 de mar. 2017.

MARRAN, Ana Lúcia . LIMA, Paulo Gomes . Estágio curricular supervisionado no ensino superior brasileiro: algumas reflexões. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v.7 n.2 agosto 2011. Disponível em : <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/6785/4910>>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

OLIVEIRA, Maria Izete de. Educação infantil: legislação e prática pedagógica. **Psicol. educ.**, São Paulo , n. 27, p. 53-70, dez. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752008000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 abr. 2017.

PIMENTA, Selma Garrido. **Didática como mediação na construção da identidade do professor** uma experiência de ensino e pesquisa na licenciatura. In: ANDRÉ, Marli E. D. A.; OLIVEIRA, Maria Rita S. (Org). Alternativas do ensino de didática. Campinas: Papirus, 1997, p. 37-70.

_____. **Porque o estágio para quem já exerce o magistério:** uma proposta de formação contínua. In: Estágio e docência. São Paulo: Cortez, 2010. 5 ed.

_____. **Estágio e docência.** Revista Poiesis -Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006. disponível em: <[file:///c:/users/explorer%20informatica/downloads/10542-40790-1-pb%20\(1\).pdf](file:///c:/users/explorer%20informatica/downloads/10542-40790-1-pb%20(1).pdf) >acesso em: 13 de mar. 2017.

RAYMUNDO, Gislene M. Catolino. A prática de ensino e o estágio supervisionado na construção dos saberes necessários à docência. **Olhar de professor**, v. 16, n. 2. Ponta Grossa, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/index>> Acesso em : 20 mar. 2017.

RIOS, Terezinha Azeredo. A dimensão ética da sala de aula ou o que nós fazemos com eles. In: VEIGA, Ilma P. A. (org) **Aula:** gênese, dimensões princípios e práticas. Campinas:Papirus, 2008, p. 73/93.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA. Departamento de Ciências Humana- *Campus IX*. **Resumo do projeto do curso de pedagogia-licenciatura.** Colegiado do Curso de Pedagogia. 2014. Barreiras. UNEB, 2014.

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME: Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acesso ao ensino superior 148
Ações afirmativas 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165
Alimentação escolar 6, 141, 144, 145, 146, 147

B

BNCC 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 223, 226, 227, 228, 231, 233

C

Carreira 70, 79, 93, 113, 119, 125, 126, 127, 128, 129, 153, 156, 182, 184, 185
Ciência 40, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 60, 79, 82, 83, 85, 87, 111, 119, 124, 125, 126, 129, 132, 168, 169, 171, 172, 173, 176, 177, 178, 179, 182, 183, 184, 185, 214
Ciências humanas 24, 37, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 124, 206
Ciências naturais 43, 44, 50, 51, 164
Classe social 36, 37, 40, 56, 101
Conhecimento científico 43, 44, 45, 47, 49, 50, 51, 59, 68, 87, 93
Crise 40, 88, 89, 90, 155, 181, 182, 184, 186, 212, 238, 241
Crise docente 88, 89, 90
Currículo integrado 59, 61, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 179

D

Desconstrução 37, 39, 195, 197, 202
Direito 9, 47, 57, 80, 115, 125, 134, 135, 141, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 159, 163, 166, 172, 181, 182, 183, 184, 186, 189, 216
Direito à educação 9, 80, 115, 148, 149, 151
Docente 11, 12, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 31, 32, 43, 70, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 114, 115, 118, 124, 133, 134, 140, 141, 157, 162, 164, 188, 189, 192, 194, 210, 219, 223, 224, 225, 226, 229, 230, 231
Documentos do IFPA 168

E

Educação infantil 24, 25, 26, 29, 30, 34, 35, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 159, 196, 201, 204, 205
Educação musical 98, 99, 100, 101, 102, 104, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 221, 222, 252
Educação profissional 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 115, 152, 169, 171, 176, 179, 210
Educação Profissional e Tecnológica no Amazonas 77, 79
Educação superior 11, 17, 21, 78, 79, 80, 87, 95, 106, 147, 154, 159, 183, 186

EJA 148, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 156

Enfermagem 16, 17, 18, 19, 22, 23, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 74, 75, 76, 124

Ensino 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 33, 34, 35, 43, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 129, 130, 133, 134, 136, 139, 140, 141, 143, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 157, 159, 160, 162, 164, 165, 167, 170, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 185, 186, 188, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 208, 210, 212, 215, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 238, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 250, 251

Ensino aprendizagem 5, 88, 110, 123

Ensino de arte 195, 205, 206, 216, 233

Ensino superior 11, 12, 14, 17, 18, 20, 35, 81, 90, 94, 96, 97, 113, 116, 120, 122, 124, 126, 148, 150, 157, 159, 160, 162, 164, 165, 181, 182, 183, 185, 186, 194, 210, 212

Estágio supervisionado 23, 24, 27, 28, 30, 34, 35, 98, 99, 100, 101, 103, 210

Estereótipos 158, 184, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 206

Expressividade 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 119

F

Formação acadêmica 81, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132

Formação continuada 33, 86, 105, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 146, 148, 155, 188, 189, 194

Formação de professores 11, 13, 20, 22, 27, 33, 51, 52, 98, 104, 114, 115, 116, 133, 140, 147, 148, 157, 158, 159, 160, 162, 165, 188, 205, 209, 211, 216, 226

Formação integral 4, 54, 60, 61, 62, 128, 176, 179, 216

Formação profissional 23, 58, 64, 70, 71, 72, 109, 112, 116, 123, 152, 156, 162, 172, 177

G

Gestão administrativa financeira 1

Gestão compartilhada 1, 5, 8, 9, 10

H

Hora-atividade 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

I

Identidade 9, 10, 20, 21, 22, 30, 31, 35, 36, 41, 94, 97, 112, 119, 131, 179, 181, 184, 185, 186, 222, 225, 228, 229, 232, 242

Integração curricular 54, 60, 61, 62, 176

M

Metodologias ativas de ensino 120, 188

O

Ontopsicologia 181, 182, 184, 185, 186, 187

P

Pedagogia universitária 11, 14, 20, 21, 115, 141, 194

Políticas públicas 61, 65, 70, 78, 79, 81, 82, 84, 86, 94, 148, 150, 156, 157, 159, 161, 162, 163, 165, 209, 212, 242

Pós-modernidade 36

Professor 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 48, 49, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 124, 125, 134, 136, 147, 149, 160, 163, 166, 170, 182, 183, 195, 196, 197, 199, 201, 203, 204, 206, 210, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 226, 228, 232, 236, 240, 246, 247, 250, 253

Projeto integrador 168, 169, 175, 176, 177

Promoção da saúde 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 147

Publicação científica 77, 81, 83

R

Regulamentações 141

T

Trabalho docente 11, 12, 18, 20, 21, 94, 112, 133, 140

U

Universidade 2, 11, 22, 24, 29, 33, 34, 35, 36, 41, 43, 54, 64, 87, 88, 91, 96, 98, 103, 105, 107, 110, 112, 117, 119, 120, 124, 125, 133, 140, 141, 148, 153, 155, 157, 162, 167, 179, 183, 194, 195, 197, 204, 205, 206, 209, 212, 213, 215, 223, 224, 239, 243, 253

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-666-9

